

**SUZANA CORRÊA DE LIMA ULIAN COÊLHO**

**A REVISÃO COMO PARTE DO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL: O  
ALUNO/ESCRITOR COMO REVISOR DE SEUS PRÓPRIOS TEXTOS**

Artigo apresentado à Universidade Gama Filho como requisito para obtenção do grau de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa sob a orientação da professora Maria Célia Cardoso Lima.

BRASÍLIA – DF

2009

UNIVERSIDADE GAMA FILHO

Curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa

**A REVISÃO COMO PARTE DO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL: O  
ALUNO/ESCRITOR COMO REVISOR DE SEUS PRÓPRIOS TEXTOS**

Suzana Corrêa de Lima Ulian Coêlho

Este artigo será examinado e aprovado para obtenção do título de Especialização  
em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação  
da Universidade Gama Filho

---

Orientadora

---

Examinador

---

Examinador

Brasília – DF

2009

## RESUMO

O domínio da revisão textual pelo aluno/escritor no processo de escritura merece destaque nos Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como nas Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Tornar o aluno capaz de revisar seus próprios textos é um desafio para o docente de Língua Portuguesa. Neste artigo, por meio de procedimento bibliográfico, pretende-se abordar como se dá na prática a revisão textual e apresentar um instrumento que auxilie o aluno a rever, como olhos de leitor, seus próprios escritos.

## SUMÁRIO

| Tópicos  | página |
|--|--------|
| I – Introdução   | 5      |
| II - A revisão textual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e nas Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal ..... | 7      |
| III – Práticas de revisão e correção   | 12     |
| IV - O aluno/escritor como revisor dos textos que produz   | 15     |
| V – Considerações finais   | 21     |
| VI – Referências bibliográficas  | 22     |

## I - INTRODUÇÃO

A revisão textual é parte fundamental do processo de escrita. Tal prática é fundamental para que sejam produzidos textos claros, coesos e coerentes, ou seja, texto que cumpram sua finalidade: comunicar.

Apesar da importância que é dada à revisão – tal prática merece destaque em orientações curriculares –, alunos/escritores não a têm como tarefa sua, já que os textos que elaboram são submetidos à correção dos docentes.

Diferentemente do processo de correção, a revisão de texto é algo distinto, cuja responsabilidade deve ser do próprio aluno, pois é uma das etapas do processo de escritura.

Um texto não nasce pronto. Portanto, cabe aos docentes de Língua Portuguesa incentivarem seus alunos a revisitarem os textos que produzem, auxiliando-os a desenvolver habilidades à autocorreção e dotando-os de instrumentos que os auxiliem nessa tarefa.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um instrumento que ajude o aluno do ensino fundamental, mais especificamente da 5ª série/6º ano, a revisar seus próprios escritos.

O texto foi dividido em três partes: na primeira, abordaremos como o tema revisão é tratado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; na segunda, trataremos de como é a prática da revisão; e na terceira, apresentaremos um instrumento que poderá servir de guia para que o estudante faça ele próprio a revisão de seu texto.

Com essa proposta, esperamos despertar os docentes para o fato de que a revisão deve ser também de responsabilidade dos alunos. Esperamos também despertar os professores de Língua Portuguesa para a importância de serem elaborados materiais específicos que auxiliem os alunos na tarefa de revisão textual.

## **II – A revisão textual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e nas Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**

No ensino fundamental, os conteúdos de Língua Portuguesa, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), estão organizados em dois eixos básicos, a saber, o uso da língua oral e escrita e a análise e reflexão sobre a língua.

Tal orientação já pode ser sentida na maioria dos guias curriculares em vigor, os quais, em vez de apresentarem os conteúdos organizados em alfabetização, ortografia, pontuação, leitura em voz alta, interpretação de texto, redação e gramática, seguem a orientação dos PCNs, organizando-os em função do eixo: uso – reflexão – uso.

O bloco de conteúdos “Língua escrita: Usos e formas” divide-se em “Prática de Leitura” e “Prática de produção de Textos”.

Mais especificamente quanto ao segundo bloco, a produção de textos tem por objetivo a formação de escritores competentes, ou seja, capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes.

Nessa nova abordagem, o professor, a fim de formar verdadeiros escritores, precisa rever sua prática didática, de forma a empregar procedimentos eficazes quanto à produção de textos em sala de aula.

Os PCNs, como orientação aos docentes, propõem uma série de procedimentos didáticos relacionados à prática continuada de produção de textos na escola. Resumidamente, são eles:

1. Apresentar aos alunos textos escritos de boa qualidade, os quais servirão de referência de escrita para eles.

2. Solicitar aos alunos que produzam textos, mesmo antes de eles serem capazes de grafá-los.

3. Explorar o diálogo entre professores e alunos, pois, por meio de conversas, podem ser externadas as dificuldades sentidas quanto à produção textual.

4. Trabalhar a produção textual em grupo, de modo que, desempenhando diferentes papéis discursivos, os alunos possam produzir, grafar e revisar, desenvolvendo, numa atividade colaborativa, competência para depois, sozinhos, serem capazes de realizar todos os procedimentos que envolvem a produção textual.

Além de tais procedimentos, os PCNs listam situações didáticas fundamentais para a prática de produção de textos no ensino fundamental, como os projetos, a produção com apoio, situações de criação, e textos provisórios.

Com relação aos “textos provisórios”, os PCNs esclarecem que o trabalho com rascunhos é uma excelente estratégia para que o aluno, percebendo a provisoriedade dos textos, possa trabalhá-los depois de uma primeira escrita, aperfeiçoando-os.

Nessa abordagem, a produção textual deve ser entendida como um processo, de modo que o aluno deixe de contentar-se com uma única e primeira versão de seu texto.

Segundo os PCNs, a revisão de textos passa, portanto, a ter um papel fundamental na prática de produção. Trata-se de uma competência que precisa ser sistematicamente ensinada, de modo que, cada vez mais, assuma sua real função: monitorar todo o processo de produção textual desde o planejamento, de tal maneira que o escritor possa coordenar eficientemente papéis de produtor, leitor e avaliador



do seu próprio texto. Isso significa deslocar a ênfase da intervenção, no produto final, para o processo de produção, ou seja, revisar desde o planejamento, ao longo de todo o processo: antes, durante e depois. A melhor qualidade do produto, nesse caso, depende de o escritor, progressivamente, tomar nas mãos o seu próprio processo de planejamento, escrita e revisão dos textos. Quando isso ocorre, pode assumir um papel mais intencional e ativo no desenvolvimento de seus procedimentos de produção.

Os PCNs apregoam que a produção escrita deve estar voltada para suprir as necessidades de comunicação do dia-a-dia. Daí a importância de os alunos serem levados a participar de modo eficiente de atividades da vida social que envolvam ler e escrever, tal como, recontar um acontecimento, noticiar um fato em um jornal, transmitir uma receita culinária, redigir uma carta, um requerimento. Essa prática revela que, a despeito das questões gramaticais e ortográficas, a maneira de elaborar o discurso é extremamente importante na elaboração do texto escrito.

Em tal processo, espera-se que o aluno saiba muito mais do que apenas os gêneros textuais. Na verdade, pressupõe-se que eles saibam o querem dizer, para quem escrevem e que, assim, possam escolher o melhor gênero que exprime essas idéias.

Assim, primeiramente, o escritor deve ter em mente que seu texto possui um destinatário, que, na verdade, ele possui um interlocutor. Daí por que ele, diante do texto criado, deve se colocar na posição dos leitores, avaliando se o que foi escrito está compreensivo. A prática escrita, portanto, está diretamente ligada à leitura.

Um texto não nasce pronto, cabe aos docentes de Língua Portuguesa incentivar seus alunos a revisitarem os textos que produzem. O ato de revisar, portanto, não deve ser visto como algo isolado. Na verdade, tal procedimento faz parte do processo de produção textual, o qual é composto de diferentes etapas: planejar, escrever, revisar e re-escrever.

Atenta a esse novo paradigma, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal editou os documentos “Orientações Curriculares – Ensino Fundamental – séries e anos iniciais”, e “Orientações Curriculares – Ensino Fundamental – séries e anos finais”, com o objeto de nortear o processo de ensino e aprendizagem nas escolas da rede de ensino público do Distrito Federal a partir de 2009.

Tais documentos observam o que apregoam os PCNs na medida em que, além de propor os conteúdos relacionados às aprendizagens que os alunos devem desenvolver, relaciona-os às expectativas de aprendizagem, ou seja, a um conjunto de “fazeres e saberes” possíveis a partir da apropriação destes conteúdos, detalhados por série/ano dos ensinos fundamental e médio para todos os componentes curriculares.

Com relação à Língua Portuguesa, as Orientações Curriculares para as séries finais do ensino fundamental destacam que o texto é o objeto principal de estudo, que deve ser realizado em cinco perspectivas: oralidade e expressão, leitura de textos, conhecimentos literários, conhecimento lingüístico e produção de textos escritos. Essa divisão, contudo, é meramente didática, pois tem por objetivo auxiliar as práticas de sala de aula e o acompanhamento da aprendizagem dos alunos. Espera-se que, no decorrer dos cinco anos escolares do ensino fundamental, os

alunos sejam capazes de, autonomamente, ler e produzir textos que respondam a seus objetivos de comunicação social.

Observando o disposto nos PCNs, as Orientações Curriculares ressaltam que o texto, entendido como qualquer seqüência falada ou escrita que constitua um todo unificante e coerente dentro de uma determinada situação discursiva, é o foco principal do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Nos anos finais do ensino fundamental, o desenvolvimento da competência lingüística do aluno está pautado na construção de referenciais básicos para refletir sobre a língua que ele fala/ouve e lê, escreve com a finalidade de saber explica-lá para poder usá-la em diferentes situações de comunicação.

O eixo uso-reflexão-uso de que tratam os PCNs está, portanto, contemplado nas Orientações Curriculares. Mais especificamente nas séries finais, o aluno deve aprender a produzir textos para fins determinados.

“A aprendizagem do caráter produtivo da língua faz parte constante do controle sobre o textos que será elaborado. O fazer comunicativo exige formas complexas de aprendizagem. Deve-se reconhecer o que e como escrever, depois dessa análise reflexiva, tenta-se a elaboração, com a consciência de que ela será sempre provisória porque depende da avaliação do outro e de suas expectativas.” (PCNs, 2008, p. 25)

Os conteúdos representativos do tópico “produção de textos” para as séries finais do ensino fundamental são: condições de produção e recepção; o papel dos interlocutores na construção do texto; gêneros discursivos; textualidade: coerência e coesão; normas de registro escrito; diagramação do texto; refacção e revisão.

Assim, a revisão textual merece destaque também nas Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

### III – PRÁTICAS DE REVISÃO E CORREÇÃO

Correção e revisão devem ser entendidas como procedimentos distintos. Herreira (2002), em sua dissertação de mestrado, *Produção Textual no ensino fundamental e médio: da motivação à avaliação*, esclarece que a correção está intimamente ligada à avaliação. Embora ressalte que é necessário que o professor veja na correção uma oportunidade para que o aluno tome consciência de seus erros e possa se aperfeiçoar, refazendo os textos, rescrevendo-os, a prática tem demonstrado que muitos professores, sem a participação de seus alunos, utilizam-se da correção para apontar erros, sem nada manifestarem quanto a aspectos positivos das produções textuais feitas.

A distinção entre correção e revisão pode ser feita da seguinte forma, segundo Oliveira:

| Correção   | Revisão  |
|--|--|
| <p>É o docente quem mostra através de indicações verbais ou escritas o que o autor deve modificar, acrescentar, suprimir etc. em seus textos.</p> <p>Essa ação não garante em absoluto que o autor do texto – no caso os alunos – vejam suas escritas da mesma forma que o professor que corrige e, portanto, não assegura que a mudança seja realmente feita.</p> | <p>É o autor do texto quem faz as alterações que julga necessário. Essas alterações podem acontecer:</p> <p>— durante o processo de textualização: quando, ao escrever, o aluno pára, retoma ao início, observa se está expressando efetivamente as idéias que tinha previsto e se está fazendo isto com coerência, observa se está assegurando a conexão entre o escrito e o que planejou escrever, observa se está cumprindo o propósito que colocou em marcha ao escrever, lê para buscar sentido, continua a escrever.</p> <p>— Com sucessivas voltas após a textualização: as situações de revisão não são uma só por texto e com a mesma intensidade para todas, isto vai depender do tipo de texto, do destinatário do mesmo, da disposição das crianças. Por exemplo: uma lista de supermercado, uma carta a um amigo íntimo, uma página de um diário são textos em que o autor decide se é necessário revisar ou não, se pede ajuda de outro ou não. Já uma monografia, periódicos, revistas para a comunidade, textos informativos são textos que merecem todas as revisões possíveis até se ter um produto publicável e requerem até em alguns casos, a correção do docente antes de ser publicado.</p> |

Embora os PCNs e as Orientações Curriculares enfatizem a importância da revisão no processo de produção textual, percebe-se, de maneira geral, que, na prática, ela diz respeito a uma atividade em que o professor é primordial, ou seja, é ele quem aponta no texto o que deve ser alterado, melhorado. Exemplo dessa prática nos é dado por Herreira (2000), que, em pesquisa realizada, concluiu que:

A correção/avaliação empregada nos textos por algumas professoras entrevistadas encontra-se desvinculada do processo ensino-aprendizagem porque não criou para o aluno a oportunidade de aprendizagem. O aluno escreveu, o professor corrigiu, certamente atribuiu uma nota e nada foi acrescentando em termos de construção do conhecimento. (HERREIRA, 2000, p. 55)

Outro exemplo dado pela mestrandia, embora único, revela uma certa tendência de integrar a correção ao processo de ensino/aprendizagem. Nesse caso, a professora corrige e avalia os textos promovendo interação e aprendizagem, uma vez que trabalha na sequência escrita/correção/revisão/reescrita/avaliação.

Essa última prática leva o aluno a participar da correção, revisão e avaliação de seu texto e dos colegas, de modo que ele vai se aperfeiçoando no emprego da língua por meio da análise lingüística do texto.

Podemos ver exemplos desse tipo de prática nas atividades de produção de textos propostas no livro didático “Linhas e Entrelinhas” – 4ª. série. Na maior parte das unidades que compõem o material, é solicitado aos alunos que, após serem elaborados, os textos sejam submetidos ao professor para que os auxilie na reescrita do texto.

A revisão em grupo é um importante passo para que o aluno seja capaz de, posteriormente, revisar sozinho o próprio texto. As situações de revisão em

grupo desenvolvem a reflexão sobre o que foi produzido por meio justamente da troca de opiniões e críticas. Além disso, é nessa hora que o aluno se coloca no lugar de leitor, distanciando-se do texto e tendo mais condições de enxergar fragilidades no que foi produzido.

#### IV - O ALUNO/ESCRITOR COMO REVISOR DOS TEXTOS QUE PRODUZ

Percebe-se que, a despeito de muitas vezes não ser desenvolvida da forma mais eficiente, a revisão é realizada nas aulas de Língua Portuguesa. Contudo, pouco se diz sobre a prática de revisão pelos próprios alunos dos textos por eles elaborados.

Tal pressuposto leva-nos a sugerir um guia que, considerando o disposto nas Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, principalmente nas perspectivas de aprendizagem, sirva de suporte para que alunos de 5<sup>as</sup> séries/6<sup>os</sup> anos revisem textos produzidos por eles próprios.

Espera-se, contudo, que, primeiramente, para que o aluno possa fazer uso desse instrumental, ele tenha sido preparado antecipadamente para assumir o papel de revisor de seu próprio texto. Isso pressupõe que ele tenha condições de redigir como também de ler adequadamente, pois é sabido que a prática escrita está diretamente ligada à leitura.

Os objetivos da leitura são vários e são eles que determinam a forma como um leitor se situa frente a um texto. Segundo Solé (1998), podemos ler para obter uma informação precisa; ler para seguir instruções; ler para obter uma informação de caráter geral; ler para aprender; ler por prazer; ler para comunicar um texto a um auditório; ler para praticar a leitura em voz alta.

Na prática da revisão textual, entretanto, destaca-se o “ler para revisar um escrito próprio”. Para Solé:

quando lê o que escreveu, o autor/revisor revisa a adequação do texto que elaborou para transmitir o significado que o levou a escreve-lo; neste caso, a leitura adota um papel de controle, de regulação, que também pode adotar quando se revisa um texto alheio, mas não é a mesma coisa. Quando leio o que escrevi, sei o que queria dizer e tenho que me por simultaneamente em meu lugar e no do futuro leitor, isto é, você. Por isso, às vezes os textos são

tão difíceis de entender – é possível que o autor tenha se posto apenas em seu próprio lugar e não no dos possíveis leitores... É uma leitura crítica, que nos ajuda a prender a escrever e em que os componentes metacompreensivos tornam-se muito evidentes. (SOLÉ, 1998, p. 96)

Assim, espera-se que o aluno/escritor/revisor seja capaz de reler o que foi escrito para localizar disfunções e reescrever seu texto, suprimindo, acrescentando, deslocando e trocando aquilo que ele julgar conveniente.

Além disso, o aluno deve estar preparado para proceder à análise do que ele escreveu. Tal análise deve ser feita considerando conteúdo e forma. Naspolini (1972) propõe uma abordagem, que pode ser sintetizada da seguinte maneira:

| Conteúdo  | Forma  |
|---|--|
| <p>Categorias a serem observadas: coerência/coesão, conectivos, fio condutor, expressividade.</p> <p><b>Coerência/coesão</b> – esses aspectos estão relacionados com a lógica e a clareza de idéias.</p> <p><b>Conectivos</b> – diz respeito às marcas lingüísticas que têm a função de unir proposições e frase. Nessa categoria, deve ser observado o uso adequado dos conectivos.</p> <p><b>Fio condutor</b> – refere-se à estratégia que o aluno utiliza a fim de organizar a sucessão de fatos, para conservar o tema ao longo de sua escrita e fazê-la progredir. É o esqueleto sobre o qual as idéias são organizadas para garantir a unidade do texto ou o fio principal que costura as idéias criadas para comunicar uma mensagem.</p> <p><b>Expressividade</b> - diz respeito às idéias que expressam julgamentos ou sentimentos, normalmente explicitadas por marcas lingüísticas que perpassam o texto. Nesse sentido, devem ser observados o vocabulário utilizado, ou seja, adjetivos, verbos, advérbios, expressões de juízo, interjeições, enfim, expressões adequados às idéias do texto. Além disso, sinais gráficos, que imprime um tom pessoal ao texto, devem ser levados em consideração.</p> | <p>Categorias a serem observadas: unidades significativas, estrutura da frase, pronomes pessoais, ortografia, pontuação.</p> <p><b>Unidade significativas</b> - podem ser compreendidas como frase e oração. Elas indicam a quantidade de frases ou orações de um texto.</p> <p><b>Estrutura da frase</b> - diz respeito à forma como a criança emprega os termos essenciais, integrantes e acessórios na construção das frases, orações ou períodos.</p> <p><b>Pronomes pessoais</b> – essa categoria está relacionada à capacidade de a criança empregar adequadamente os pronomes, fazendo as substituições devidas.</p> <p><b>Ortografia</b> – nesse aspecto, deverá ser considerada a escrita ortográfica das palavras, de modo a identificar os erros existentes no texto, mas também qualidade de tais erros (falta de consciência da segmentação da palavra, influência da oralidade e desvios relacionados à fonética ou à origem dos vocábulos).</p> <p><b>Pontuação</b> – refere-se ao emprego adequado da pontuação.</p> |

Na proposta que iremos fazer, será considerado o que está disposto nas Orientações Curriculares, que estabelecem o seguinte conteúdo e as seguintes



expectativas de aprendizagem no que concerne à produção de textos para os alunos do 5º ano/ 6ª série (item 5):

| Conteúdos   | Expectativas de aprendizagem   |
|---|--|
| <p>5. Produção de textos escritos</p> <p>Produção de gêneros textuais: cartão pessoal, <b>carta pessoal</b>, bilhete, mensagem eletrônica, histórias vividas e imaginadas, relato pessoal, história em quadrinhos, resumo (expositivos), poema; texto não verbal, letra de música, paródia, paráfrase.</p> <p>Organização e a progressão temática (mudança de locutor, parágrafos, subtítulos, estrofes e versos)</p> <p>Marcas de segmentação do texto (título, subtítulo, parafraseação, pontuação e outros sinais gráficos)</p> <p>Regularidades de ordem fonológica (acentuação, ortografia e divisão silábica) e estrutura (paragrafação, margens, traslineação)</p> <p>Escolhas estilísticas (elementos lexicais, figurativos e ilustrativos)</p> <p>Ordem morfológica e manutenção da coesão textual</p> <p>Escrita de palavras e pontuação de acordo com a norma padrão escrita</p> <p>Segmentação do texto em palavras, frases, orações, períodos e frases</p> <p><b>Refacção, revisão e projeto textual</b></p> | <p>5. Produção de textos escritos</p> <p>Produzir um relato de experiência pessoal vivida com base em proposta que estabelece tema, gênero, linguagem, finalidade e interlocutor do texto.</p> <p><b>Produzir uma carta pessoal</b> com base em proposta que estabelece tema, gênero, linguagem, finalidade e interlocutor do texto</p> <p>Produzir texto a partir de modelo, levando em conta o gênero, seu contexto de produção, estruturando-o de maneira a garantir a relevância das partes em relação ao tema e à continuidade temática.</p> <p>Procedimento da escrita:</p> <p>Utilizar procedimentos iniciais para a elaboração do texto: estabelecer o tema; pesquisar idéias e dados, etc; planejar a estrutura; formular rascunho.</p> <p>Utilizar os mecanismos discursivos, lingüísticos e textuais de coesão e coerência, conforme o gênero e posposta do.</p> <p>Manter, na produção do texto, a continuidade do tema e ordenação de suas partes.</p> <p>Desenvolver os tópicos e informações do texto em relação ao tema e ponto de vista assumidos</p> <p>Selecionar o léxico em função do eixo temático</p> <p>Utilizar os padrões da escrita em função do projeto textual e das condições de produção.</p> <p>Analisar e revisitar o próprio texto em função dos objetivos estabelecidos, da intenção comunicativa e do leitor a que se destina, redigir tantas quantas forem as versões necessárias para consdierar o texto bem produzido</p> <p>Padrões da escrita</p> <p>Pontuar corretamente final de frases (ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências), usando inicial maiúscula</p> <p>Utilizar marcas de segmentação em função do projeto textual: título e subtítulo, paragrafação, periodização, pontuação (ponto, vírgula, ponto – e vírgulas, dois-</p> |

|  |   |
|--|---|
|  | <p>pontos, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências)</p> <p>Utilizar outros sinais gráficos (aspas, travessão, parênteses)</p> <p>Pontuar corretamente as passagens de discurso direto em função das restrições impostas pelo gênero.</p> <p>Utilizar recurso gráficos orientadores da interpretação do locutor, fontes, tipo de letra, estilo, negrito, itálico, tamanho da letra, sublinhado, caixa alta, cor, divisão em colunas, marcadores de enumeração.</p> <p>Reconhecer e corrigir erros ortográficos que envolvam regularidade na representação de marcas de nasalidade, dos diferentes padrões silábicos e das restrições contextuais.</p> <p>Escrever corretamente palavras de uso freqüente</p> <p>Acentuar corretamente as palavras</p> <p>Empregar casos mais gerais de concordância nominal e verbal para recuperação da referência e manutenção da coesão em seu texto.</p> |
|--|---|

No presente artigo, será considerado o gênero textual “carta”, mais especificamente “carta pessoal”, conforme destacado nas Orientações Curriculares.

Sabe-se que há diversos tipos de cartas. A carta pessoal é utilizada para o estabelecimento de contato com amigos, parentes, pessoas próximas. Tais cartas não obedecem a um modelo rígido, pois são mais informais, diferentes, por exemplo, de correspondências comerciais e oficiais.

No caso de cartas pessoais, afora a data, o nome da pessoa a quem se destina e o nome de quem escreve, a forma de redação de uma carta pessoal é bem particular. Nesse tipo de carta, a linguagem e o tratamento utilizados variam em função da intimidade dos correspondentes, bem com do assunto tratado. De qualquer modo, ao escrever esse tipo de texto, devem ser observadas as regras de sintaxe, ortografia, a concordância, a pontuação, além da coesão e coerência textual.

| GUIA PARA REVISÃO  |            |            |
|--|------------|------------|
|  |            |            |
| Gênero textual: carta Pessoal  |            |            |
|  |            |            |
| <b>Aspectos que devo observar</b>  |            |            |
| <b>1. Forma</b>  | <b>Sim</b> | <b>Não</b> |
| Coloquei a data no início da carta?  |            |            |
| Coloquei o nome do destinatário?   |            |            |
| Fiz uma saudação?  |            |            |
| Escrevi minha carta com mais de um parágrafo?  |            |            |
| Empreguei o pronome de tratamento adequado?  |            |            |
| Empreguei letra maiúscula nos nomes próprios, no início dos parágrafos e após o ponto-final? |            |            |
| Utilizei vírgula após destacar o destinatário?   |            |            |
| Utilizei o ponto-final?  |            |            |
| Utilizei dois-pontos e travessão?  |            |            |
| Empreguei o ponto de exclamação e de interrogação?   |            |            |
| Separei corretamente as sílabas das palavras ao mudar de linha?                              |            |            |
| Escrevi corretamente as palavras?  |            |            |
| Consultei o dicionário para verificar a ortografia de alguns vocábulos?                      |            |            |
| Substitui palavras por sinônimos a fim de não repetir termos?                                |            |            |
| Ao terminar minha carta, despedi-me?   |            |            |
| Assinei minha carta ao terminá-la?   |            |            |
| Em minha carta, empreguei frases simples?  |            |            |
| Em minha carta, empreguei frases complexas?  |            |            |
| Empreguei os pronomes pessoais, fazendo as necessárias substituições?                        |            |            |

|  |            |            |
|--|------------|------------|
| Escrevi minha carta com letra legível?                                     |            |            |
| <b>2 - Conteúdo</b>  | <b>SIM</b> | <b>NÃO</b> |
| Esclareci o motivo da minha carta?   |            |            |
| Empreguei adjetivos e frases exclamativas para expressar meus sentimentos? |            |            |
| Empreguei advérbios?   |            |            |
| Mantive uma sequência lógica de assunto?                                   |            |            |
| Empreguei conectivos para unir as frases?                                  |            |            |
| Utilizei palavras que o destinatário da minha carta irá compreender?       |            |            |
| A sucessão de fatos, em minha carta, está organizada cronologicamente?     |            |            |
| Manifestei meu interesse em receber resposta à minha carta?                |            |            |

## **V – Considerações Finais**

Procuramos, no presente artigo, enfatizar a importância de os próprios alunos fazerem a revisão dos textos que produzem.

Tal atividade faz parte do processo de elaboração textual, razão pela qual compete ao aluno dominá-la.

Embora enfatizada em orientações curriculares, os professores precisam estar preparados para orientar seus alunos e prepará-los para que, sozinhos, procedam à revisão de seus textos.

Desejamos que a proposta de guia de revisão aqui apresentada sirva apenas de modelo a ser aperfeiçoado pelos docentes de Língua Portuguesa de acordo com as expectativas de aprendizagem para os diferentes anos do ensino fundamental, bem como considerando os diferentes gêneros textuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em 20/2/2009.

CIPRIANO, L.H.R.; WANDRESEN, M.O.L. *Linhas & Entrelinhas* – 4ª série. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação do Distrito Federal. *Orientações Curriculares. Ensino Fundamental – séries e anos finais*. 2008.

HERREIRA, A.S. *Produção textual no ensino fundamental e médio: da motivação à avaliação*. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

NASPOLINE, A.T. *Didática de Português – Tijolo por tijolo – Leitura e produção Escrita*. São Paulo: FTD, 1972.

OLIVEIRA, M. F. A revisão de textos como um conteúdo procedimental a ensinar na educação fundamental. Disponível em: <http://mococa.sp.gov.br/educamococa/textos/revisão.htm>. Acesso em 1º/3/2009.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.